

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE CONSUMO CONSCIENTE NO GÊNERO
TIRINHA “AS COBRAS” NA PERSPECTIVA FRANCESA: UM OLHAR ACERCA
DA MATERIALIDADE LINGUÍSTICO-IMAGÉTICA**

**AN ANALYSIS OF THE CONSCIOUS CONSUMPTION DISCOURSE IN THE GENRE
TIRINHA “THE COBRAS” IN THE FRENCH PERSPECTIVE: A LOOK AT
LINGUISTIC-IMAGETICAL MATERIALITY**

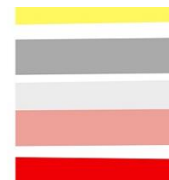
Prof. Esp. Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará
geimesraulino@yahoo.com.br

Prof. Me. Antônio Lailton Moraes Duarte
Universidade Estadual do Ceará
lailtonduarte@uece.br

Resumo: Neste texto, analisamos, a partir da perspectiva francesa de Análise de Discurso (AD), a materialidade linguístico-imagética, extraída no discurso de consumo consciente enunciado no gênero Tirinha “As cobras”, coletada em uma atividade de análise linguística em aulas da disciplina *Análise de Discurso* em um Curso de Letras. Dessa forma, é enunciado a cenografia romântica e a formação discursiva e ideológica do sujeito na visão da AD, constituindo, pois, o gênero textual multimodal Tirinha como objeto de análise, em exercícios de aplicação teórica através das questões de análise crítica formuladas pelo professor da matéria. Esta empreitada teórico-metodológica foi possibilitada pelas experiências, atividades e reflexões na disciplina de *Análise de Discurso* na Graduação em Letras da Fafidam/Uece, sobretudo quando se adotou os enquadres epistemológicos da Análise de Discurso Francesa, os quais se despojam os principais autores/as: Maingueneau (1997), Orlandi (2005), Brandão (2004), Pêcheux (1969, 1975), entre outros. Em suma, podemos notar que os discursos enunciados nesse evento discursivo perpassam pela conjugação dos elementos verbo-visuais, resultando na enunciação discursiva da ideologia dominante do discurso de consumo consciente que se encontra travestida do discurso do capital em função do consumo pelos interlocutores, sendo persuadidos a comprarem e a satisfazerem seus desejos, influenciados pela mídia, pelo discurso ideológico dominante das classes abastadas.

Palavras-chaves: Gênero Tirinha; Análise de Discurso Francesa; Fases da AD.

Abstract: In this text, we analyze, from the French perspective of Discourse Analysis (AD), the linguistic-imagistic materiality, extracted in the discourse of conscious consumption enunciated in the genre Tirinha “The snakes”, collected in an activity of linguistic analysis in classes of the discipline Discourse Analysis in a Course of Letters. In this way, the romantic scenography and the discursive and ideological formation of the subject in the AD view are articulated, thus constituting the Tirinha multimodal textual genre as an object of analysis, in exercises of theoretical application through the questions of critical analysis formulated by the teacher of the matter. This theoretical-methodological endeavor was made possible by the experiences, activities and reflections in the discipline of Discourse Analysis in the Fafidam / Uecec Graduation in Letters, especially when the epistemological frameworks of French Discourse Analysis were adopted, which are the main authors: Maingueneau (1997), Orlandi (2005), Brandão (2004), Pêcheux (1969, 1975), among others. In sum, we can note that the speeches enunciated in this discursive event permeate the conjugation of the verbal-visual elements, resulting in the discursive enunciation of the dominant ideology of the discourse of conscious consumption that is



transposed of the discourse of capital in function of the consumption by the interlocutors, being persuaded to buy and to satisfy their media-influenced desires, by the dominant ideological discourse of the wealthy classes.

Keywords: *Genre Tirinha; French Discourse Analysis; Phases of AD.*

1 Considerações Iniciais: alguns apontamentos teóricos¹

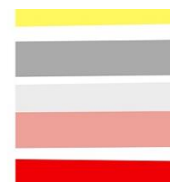
A Análise do Discurso nasceu na década de 60 na França, tendo o discurso como objeto de análise teórico-metodológica. Por isso, Orlandi (2007, p.15) entende que “[o] discurso é a palavra em movimento, em prática de linguagem com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Esta pesquisadora ressalta que propondo-se a estudar o discurso, a AD esquadrinha a língua não somente como transferência de conhecimentos ou o ingênuo ato de fala, mas percebe a língua em um olhar discursivo, explorando a exterioridade da língua(gem) como a ideologia e o fator social.

A princípio, compreendemos que os estudos em Análise de Discurso (doravante AD) no Brasil podem ser vistos como “um canteiro de diálogos e confrontos teóricos no qual pesquisadores podem falar de lugares múltiplos sobre sujeitos discursivos que acabam inquietando a todos nós, estudiosos do discurso” (MILANEZ; SANTOS, 2009, p. 6).

Nesse sentido, tomamos e justapusemos neste ensaio os enquadres teórico-metodológicos da AD de linha francesa em um dos gêneros textuais multimodais discutidos nas aulas do Curso de Licenciatura Plena em Letras, em nosso caso em uma turma do 9º semestre, elegemos a tirinha “As cobras” a fim de cumprir uma das atividades da disciplina de *Análise de Discurso*, fizemos, por isso, a análise linguística, bem como classificamos os sujeitos ideologicamente marcados a partir das perspectivas da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª fases da AD, na tirinha “As cobras”, que discutem politicamente o espírito natalino.

¹Vale salientar que a Análise do Discurso no Brasil ou *Escola Brasileira de Análise de Discurso* madureceu e se solidificou no campo dos estudos da linguagem efetivados pelas ciências humanas. No Brasil, essa linha de pesquisa auferiu influência tanto dos estudos clássicos da análise do discurso europeia como da americana. Os estudos conseguidos na França por Michel Pêcheux receberam desdobramentos e caracterizações que cooperaram para a manutenção e desenvolvimento dessa linha de pesquisa em terreno brasileiro (FERREIRA, 2003). Além do mais, Eni Orlandi colaborou para constituir a análise do discurso no Brasil, na década de 70. Em sua pesquisa, ela pondera não somente a forma abstrata ou empírica, mas o que tem desenvolvido como forma material, em conformidade com os subsídios do *Materialismo Histórico*, da Psicanálise e da Linguística (ORLANDI, 2003).

Uma análise do discurso de consumo consciente no gênero tirinha “as cobras” na perspectiva francesa: um olhar acerca da materialidade linguístico-imagética



Tendo em vista, as travessias e as reformulações da AD francesa, Mazolla (2009) explica que

A Escola francesa de Análise do Discurso passou por várias reformulações empreendidas por seu principal fundador, Michel Pêcheux, na França, desde 1969. Por esse motivo, julgamos sempre bem-vindo um “retorno à história” desse campo, partindo dos acontecimentos e conjunturas sociais que precederam sua emergência, passando por sua “irrupção” no domínio das ciências humanas e no interior de um embate com outras disciplinas, até a chegada ao último estágio do qual deriva um número indeterminado de pesquisas que se baseiam na AD. Por isso, não pretendemos apenas realizar uma “escavação”, mas evitar equívocos muito comuns hoje, no que diz respeito à utilização de conceitos distantes e opostos, como sujeito assujeitado pela ideologia e micropoderes num mesmo contexto (MAZOLLA, 2009, p. 7).

Percebemos que AD é um o movimento visivelmente disperso - porém, na verdade, heterogêneo - de constituição da AD articulou conceitos de três campos da ciência em seu entremeio, em seu ambiente intervalar - abarcadas por uma teoria do sujeito de cunho psicanalítico - conforme impetrado por Pêcheux & Fuchs (1975):

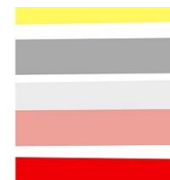
1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (GARCIA, 2003, p. 122-123).

Essa historiografia² da *Análise do Discurso francesa*, evidencia-se a partir do grupo de Michel Pêcheux que iniciou no interior de seu Laboratório de Psicologia Social do CNRS – associado à Universidade de Paris VII – um alinhamento de muitos diálogos e discussões epistemológicas com relevantes estudiosos das ciências humanas daquele período, a saber: L. Althusser, M. Foucault, J. Lacan e M. Bakhtin. A autora expõe esse contexto, avaliando que

Quatro nomes, fundamentalmente, estão no horizonte da AD derivada de Pêcheux e vão influenciar suas propostas: Althusser com sua releitura das teses marxistas; Foucault com a noção de formação discursiva, da qual derivam vários outros conceitos (interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas); Lacan e sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente, com a formulação de que ele é estruturado por uma linguagem; Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, que leva a AD a tratar da

² Ver Gregolin (2013, p. 25-26).

Uma análise do discurso de consumo consciente no gênero tirinha “as cobras” na perspectiva francesa: um olhar acerca da materialidade linguístico-imagética



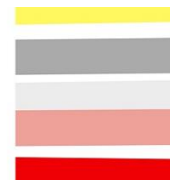
heterogeneidade constitutiva do discurso (GREGOLIN, 2003, p. 25, grifo da autora). A Análise do Discurso, que toma por objeto o discurso “no qual confluem a língua, o sujeito e a história” (GREGOLIN, 2003, p. 25), resumidamente, procurava compreender a produção de sentidos em uma sociedade.

Em outras palavras, a Análise do Discurso, que toma por objeto o discurso “no qual confluem a língua, o sujeito e a história” (GREGOLIN, 2003, p. 25), resumidamente, procurava compreender a produção de sentidos em uma sociedade. Podemos, então, considerar, segundo Garcia (2003) que a AD configura-se como disciplina de *entremeio* e *interdisciplinar* (ORLANDI, 1996) porque constitui(u)-se no trabalho consecutivo e constante das incongruências epistemológicas - historicamente dependentes - entre diferentes áreas do conhecimento, colaborando no sentido de compreender a materialidade linguística e histórica enunciadas na formação dos sujeitos, na constituição dos discursos, ideologias e disputas por poder que perpassam as muitas relações sociais em atividades sócio-historicamente constitutivas da interação comunicativa.

Enfim, o gênero textual multimodal tira se configura, segundo lembra Marcuschi (2008) por serem gêneros curtos, de caráter analítico e podem ser sequenciais e fechadas. Comumente as temáticas das tiras escarnecem aspectos sociais, econômicos, educacionais e políticos do país. Até porque, têm a ironia e a caricatura da realidade das crianças e de adolescentes, demarcando o convívio familiar e escolar, como nas tiras de Calvin, por exemplo. Além de reforçar a ordem do discurso do consumo consciente que vem ocupando o controle de atos de compra conforme padrões desejáveis de consumo pelo indivíduo. Para isso, Mutz (2014, p. 122) constata que

[...] o caráter discursivo do consumo consciente implica reforçar sua contingência histórica e propor sua desnaturalização. É na cultura, conforme condições de possibilidade bem específicas, que damos sentidos às coisas pela linguagem. Por essa razão, tenho me perguntado acerca das condições de possibilidade que permitiram naturalizar-se – em uma sociedade intensamente convocada a exercer seu poder de compra através do consumo – um discurso que apela para o consumo consciente (MUTZ, 2014, p. 122).

Em outras palavras, salientamos que no contexto atual os processos de identificação e construção de subjetividades insurgem na sociedade de classes por meio de processos de comunicação e narrativas do consumo, e como os papéis realizados pelos sujeitos, nesse entorno



teórico e empírico da publicização, são demarcados por formações discursivas/formações ideológicas – pelo signo ideológico (OLIVEIRA, 2015). Assim, as tiras possuem relação com os desenhos animados porque há uma seleção dos quadros sequenciados, o que exige do aluno um trabalho cognitivo ativo, posto que é um gênero textual que abrange a leitura da língua(gem) verbal e não verbal, ou seja, multissemiótica, além de um leitor crítico que intensifique, no momento da leitura, inferências, conhecimento lexical, linguístico e de mundo (OLIVEIRA; MELO, 2014).

2 A intertextualidade e a heterogeneidade marcada

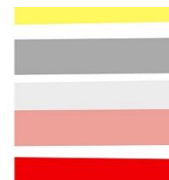
Podemos verificar na cenografia romântica da tirinha a seguir uma discussão sobre o significado do natal, sendo que temos algumas temáticas recorrentes como: a vastidão do mundo, a existência de Deus e sua relação com os seres humanos. Logo, na enunciação da 2ª tirinha o uso do termo *eterno* “*agora*” do *infinito* tem a intencionalidade de discutir a cena enunciativa que retrata o espírito natalino na 1ª tirinha “fim de ano, natal...”.

Para explorar o arranjo de humor presente na tirinha, o texto imagético (linguagem não-verbal) é decisivo para a interpretação, compreensão e análise semiótica. Ao analisar previamente a paisagem, a posição frente à noite estrelada, a interatividade verbal dos personagens forma conceitos e ideias do que realmente deve ser refletido e compreendido, podendo ser empreendidas as distintas reações sobre o mesmo objeto.

Vejamos a seguir o objeto de análise linguística, a partir dos enquadres teórico-metodológicos da AD aplicados:



Fonte: Disponível: <http://domacedo.blogspot.com.br/2013/12/o-natal-diante-do-eterno-agora-do.html>. Acesso em 27 de dez. 2017.



Fica evidente que a utilização das aspas em “agora” causa efeitos específicos, como: a) relacionar a contradição entre *eterno/agora*, visando criticar humoristicamente o consumismo exagerado em períodos comemorativos, no caso, o natal; b) procurar marcar a relação discursiva do sujeito com o Outro (alteridade do inconsciente), sendo que a expressão *em outras palavras* declara a opinião que o interlocutor faz do que é dito pelo enunciador, demonstrando que ambos não enunciam do mesmo lugar discursivo.

No caso, pela cena enunciativa na 1ª tirinha temos uma intertextualidade implícita diretamente marcada pela data bíblica de comemoração do natal dentro de uma formação discursiva religiosa. Ademais, podemos ressaltar que os efeitos de sentido produzidos pelas marcas de heterogeneidade evocam estereótipos sociais, as quais são construídas as imagens de homem e mulher. Maingueneau (1997, p. 90) entende o uso das aspas como a demarcação daquilo que pertence a certa formação discursiva do eu, daquilo que é exterior a ela. As enunciações aspidas são “[...] sintagmas atribuídos a um outro espaço enunciativo e cuja responsabilidade o locutor não quer assumir”.

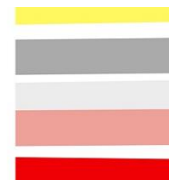
3 Procedimentos metodológicos

Quanto à metodologia, o presente ensaio tem como objeto de estudo um texto (do gênero tirinha), “As Cobras”³, é das famosas tiras, da autoria de Luís Fernando Veríssimo, feita para os mais diversos jornais brasileiros entre os anos de 1975 à 1997. De forma satírica e irônica ele desenhava e criava falas que discutiam os temas mais polêmicos e falados no país e no mundo, tanto no atual quanto no mundo de três décadas atrás. Assuntos como: futebol, política, economia, filosofias da vida, questões sobre o universo, entre outros.

Ancoramo-nos na premissa teórica de que as tiras são composição textual organizada por palavras e imagens, sendo, assim, Mendonça (2005) conceitua que

As tiras são um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequencias (capítulos de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). Quanto às temáticas, algumas tiras também satirizam aspectos econômicos e políticos do país, embora não sejam tão “datadas” como a charge. Dividimos as tiras fechadas em dois subtipos: a)

³ Ver: Na coluna de Veríssimo em: <http://nacolunadeverissimo.blogspot.com.br/p/as-cobras-de-verissimo.html>. Acesso em 03 de fev. 2018.



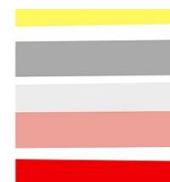
tiras-piadas, em que o humor é obtido por meio das possibilidades de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável; b) tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens (MENDONÇA, 2015, p. 199).

Apesar de não ser um *corpus* quantitativamente extenso, consideramos ser a Tirinha “As cobras” suficiente para os objetivos deste estudo. Essa afirmação está em Marcuschi (1999); Oliveira (2005), quando os autores lembram que,

[...] do ponto de vista metodológico, constituir um *corpus* é uma questão bastante complexa e, em primeira instância, teórica, sendo que o tamanho de um problema não se mede pela quantidade de dados coletados, mas por sua qualidade. Uma observação singular ou um dado privilegiado pode ser suficiente para produzir um grande número de observações teóricas produtivas (OLIVEIRA, 2005, p. 56).

Em outras palavras, a qualidade da pesquisa não está inteiramente relacionada à quantidade de dados coletados. O que determina essa qualidade é o número de observações teóricas produtivas que a pesquisa venha a produzir. Nesse sentido, para esta empreitada de análise de discurso, adotados, os enquadres teóricos da Análise de Discurso de linha francesa que considera e pensa a língua em sua materialidade, ou seja, como “um espaço de manifestações das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos de natureza ideológica” (ORLANDI, 2001, p. 17).

Quanto à formação discursiva e à constituição do sujeito em contextos sociais de ideologias e relações de poder simbólico, evidenciamos neste momento, que um indivíduo se divide em vários sujeitos, e é “este sujeito que fala” – fala de um lugar instituído, ou seja, determinado (FOUCAULT, 2002, p. 58-59). Somado a este conceito aparece a abordagem de Louis Althusser, em que todo indivíduo só se torna sujeito quando é interpelado por uma ideologia, e é dentro desta fundamentação que se pode chegar então a qualquer tipo de discurso, incluindo também o da religião (ALTHUSSER, 1996).



4 Análise e discussão do gênero multimodal Tirinha “As cobras”: as condições de produção

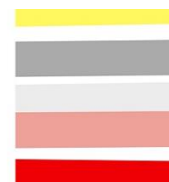
Orlandi (2005) explica que se considerarmos as condições de produção em sentido estrito, teremos as circunstâncias da enunciação, que são o contexto imediato em que estão situados certos elementos da língua ou certas características do enunciado. Se, no entanto, considerarmos de forma mais ampla, diremos que as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. Reafirmando esta definição, as condições de produção constituem, conforme Brandão (2004), a instância verbal de produção do discurso, ou seja, dizem respeito ao contexto histórico-social e aos interlocutores, ao lugar de onde falam e à imagem que fazem de si, do outro e do referente.

Nas tirinhas as condições de produção, dão-se pela relação dialógica entre o homem e a mulher (representado pelas cobras) num *locus* de contemplação das estrelas, dos astros, num ar de romantismo de um casal, onde a ideia predominante é a intuição feminina que seria um artifício com que as mulheres conseguem perceber que o homem está mentindo ou se desculpando, há no caso, uma controvérsia acentuada de insatisfação da mulher devido ao comportamento do homem em se justificar por causa do esquecimento de comprar o presente.

5 A ideologia da classe dominante

Sabemos que as profundas transformações socioeconômicas, a sociedade contemporânea caracteriza-se pelo seu avanço tecnológico, produção e consumo de mercadorias em uma escala massiva. A publicidade é, neste contexto, o instrumento que zela pela sobrevivência do sistema, ao trabalhar para que aquilo que se produz seja consumido.

As relações de produção ideológica marcadas socialmente são evidenciadas pelo discurso capitalista que disponibiliza os meios para o objeto ser adquirido, no caso, a imposição pelo consumo exagerado em que a mulher é o sujeito colocado no lugar de um consumidor, ficando até insatisfeita pelo fato de não ter ganhado presente nessa data. É certo que ao usar o advérbio de negação de modo enfático, a mulher fica indignada em não ganhar o presente como bem o queria.



6 O funcionamento do ARE e AIE

Podemos notar que o discurso capitalista do ARE impõe aos AIEs uma forma regulada de vida social materializada econômico e ideologicamente pelo consumismo exagerado por parte das pessoas, tanto que a ideia repassada pelo texto é que a relação do casal (as cobras) só pode ser feliz nesse período do Natal se houver presentes (formação discursiva capitalista que se reflete no consumismo). Por isso, o autor (sujeito falante) transmite satiricamente através de tirinhas nesta Revista sua opinião quanto ao consumismo humano no Natal, sendo que esse momento deveria ser de reflexão e busca de crescimento espiritual (formação discursiva religiosa) e no caso atualmente isso não se aplica devido atualizações de memória.

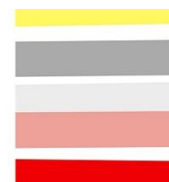
7 A deformação ideológica do discurso

Está evidente que o imbricamento do discurso consumista, atualizando o sentido do discurso religioso, no caso do natal, efetua-se na enunciação dos co-enunciadores, sendo na tirinha 2ª o deslocamento do sentido de “agora”, tal como produzido pelo enunciador (o homem), para um *discurso Outro*, visando criticar e reclamar diante da falta de compromisso em lembrar-se de comprar o presente.

Isto significa que os posicionamentos discursivos nos quais se inscrevem os co-enunciadores configuram-se como uma não-coincidência interlocutiva. Até porque essa glosa acima marca no fio do discurso, a existência de uma controvérsia entre os co-enunciadores, mostrando que eles enunciam posicionamentos diferentes e divergentes e, que, portanto, não compartilham os sentidos atribuídos ao elemento destacado por aspas.

8 Dispersão discursiva do discurso

A dispersão discursiva nas tirinhas se dá pela interdiscursividade dos discursos consumista e religioso, sendo que há atualizações na memória pelo uso de “agora” deslocado do sentido usual. O fato é que a mulher está assujeitada as ideologias impostas pela máquina estatal.



9 As formações discursivas

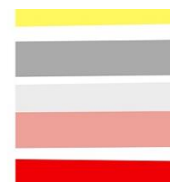
Assim como argumenta Brandão (2005) uma FD é marcada por regularidades, ou seja, por “regras de formação”, concebida como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva. Na enunciação das tirinhas, podemos identificar duas formações discursivas distintas que no processo discursivo se entrecruzam. 1ª – formação discursiva religiosa (Fim de ano, Natal...); e 2ª – formação discursiva capitalista ou consumista (você não me comprou um presente...).

10 A paráfrase e o pré-construído constitutivos da FD

As duas FDs acima são atravessadas pelo “pré-construído”, isto é, por discursos que vieram de outro lugar (de uma construção interior e exterior) e que são incorporados em uma formação discursiva numa relação de confronto e alianças. Como observamos nas tirinhas um casal num momento amoroso retomam o discurso religioso pelo homem como justificativa ao esquecimento do presente e a mulher assujeitada ao discurso capitalista do consumismo. Por isso, esse espírito natalino é parafraseado por ele no momento que estão sozinhos e por ela é reformulado por ser apenas uma data propícia a recebimento de presentes.

11 As posições de classes

As relações discursivas manifestadas nos diálogos das tirinhas analisadas expressam exatamente a atividade de produção ideológica dos detentores do poder (Estado) que dita às condições econômicas para os grupos sociais, no caso, a família, exemplificado pelo casal. Temos então, duas classes uma subjugando a outra com uma forte ideologia de que para ser realmente natal, é preciso ter presentes como forma de materialização do espírito natalino. Enfim, temos a classe dominante marxista e também a classe influenciada pelo ARE e AIE, tornando os sujeitos discursivos alienados a ideologia e a ao consumismo do capitalismo.



12 As atitudes e as representações da formação ideológica

Num determinado momento histórico e no interior mesmo desses aparelhos, as relações de classe podem caracterizar-se pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de alianças, de antagonismos ou de dominação.

Essa organização de posições políticas e ideológicas e que constitui as formações ideológicas que Haroche *et al.* (1971, p. 102), *apud* Brandão (2005), assim definem: Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem "individuais" nem "universais" mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação as outras.

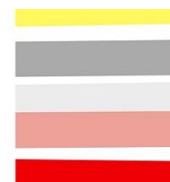
Dessa forma, as ações discursivas dos sujeitos são expressas pela intenção que possuem em sustentar o que dizem, retomando formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso. Como já dito, o homem procura se justificar pelo esquecimento que teve, usando o argumento amoroso de que essas datas são artificiais diante do momento tão especial que estavam vivendo. Se bem que ela não aceita esse fato como verdadeiro e sim como uma desculpa a seu descompromisso.

13 O eu e o outro como descentramento do sujeito

O sujeito da linguagem é descentrado, pois, “afetado pelo real da língua e da história, não tem o controle sobre o modo como elas o afetam, pois o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2005, p.20).

14 O locutor e o sujeito falante

No caso da 1ª tirinha o enunciador revela para o interlocutor aquele momento “fim de ano, natal...”. Na 2ª tirinha o curioso é que o elemento linguístico “agora” entre aspas foi especificado por uma glosa empregada pelo interlocutor, e não pelo próprio enunciador.



No último quadrinho, a glosa, representada por meio da expressão *em* “outras palavras”, sinaliza o tipo de “tradução” que o interlocutor faz das palavras do enunciador, mostrando que ambos não enunciam do mesmo lugar discursivo. Então, na cena enunciativa das tirinhas vemos que o homem e a mulher são locutores produtores de um discurso coletivo e não individual. E, por fim, o sujeito falante é o autor, no caso, Luís Fernando Verissimo.

15 O locutor e o enunciador

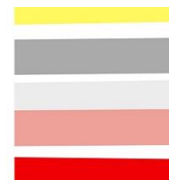
O locutor está em 1º pessoa, sendo, pois o próprio casal. Já o enunciador, sendo a figura da enunciação que representa a pessoa cujo ponto de vista é apresentado, é marcado pelo discurso do homem em relação à mulher.

16 A ilusão discursiva do sujeito

Para Pêcheux (1975), *apud* Brandão (2005), “a ilusão discursiva, do sujeito consiste em pensar que é ele a fonte, a origem do sentido do que diz”. No caso do homem ao retomar o discurso romântico de não necessidade de presente, ele se ilude, tentando se desculpar, porque ele sabe que para ela se sentir bem, melhor seria ter comprado o presente. É certo que tanto ela como ele são afetados pela ideologia capitalista que os subjugam a se relacionarem social e materialmente pela essência dos bens e não do sentimento do espírito natalino.

17 Os efeitos de memória

Para Brandão (2005), o efeito de memória é produto, portanto, da relação que se joga entre esses dois níveis — o interdiscursivo e o intradiscursivo — ao se fazer emergir uma formulação-origem na atualidade de uma “conjuntura discursiva”. No caso, das tirinhas elas não estão conscientes que estão ideologicamente impulsionados pelo ARE para que suas atitudes sejam guiadas pelas imposições que são feitas, é tanto que a mulher se sente excluída por não ganhar um presente enquanto os demais casais dentro do segmento social assim o fazem.



18 O domínio do campo

Como sabemos “a configuração de um campo enunciativo comporta, portanto, formas de coexistência de diferentes formações discursivas” (FOUCAULT, 1969). Argumentamos acima que as FDs – religiosa e consumista, ocasiona efeitos de reformulação em que o uso de “agora” pelo enunciador procura fazer com que a mulher aceite uma nova forma enunciativa para a situação, já que houve o esquecimento do presente num momento tão importante do casal.

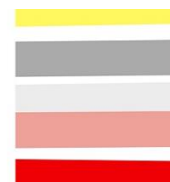
19 Análise dos sujeitos nas perspectivas da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª fases da AD na tirinha “as cobras” que discutem o espírito natalino

- a) Fase da AD 1** Para Orlandi (2005), o sujeito discursivo é histórico, social e descentrado (ideológico e inconscientemente), por isso, como já analisamos na 1ª tirinha temos uma intertextualidade implícita diretamente marcada pela data bíblica de comemoração do natal dentro de uma formação discursiva religiosa.

Isto significa que o sujeito discursivo linguisticamente reproduz um discurso já estabilizado e corriqueiro em finais de ano, sendo que a expressão “fim de ano, Natal...” não possui variação semântica, mas está em seu sentido pragmaticamente peculiar, sem variação polissêmica, como é comum nessa fase da AD, sendo que a maquinaria discursiva de estruturação das condições de produção estão estáveis, isto está evidente no uso de uma formação discursiva apenas, a religiosa, sem a presença de outros discursos (interdiscursividade).

b) Fase da AD 2 Na enunciação da 2ª tirinha o uso do termo *eterno* “agora” do infinito tem a intencionalidade de discutir a cena enunciativa que retrata o espírito natalino na 1ª tirinha “fim de ano, natal...”, ampliando o sentido convencionalizado na expressão “fim de ano, Natal...”, para uma discussão dialética existencial do *ser-no-mundo*, sendo que a relação do casal de cobras é determinada lugar social, representado pelo segmento família, em que o homem precisa se justificar para a mulher pelo fato de não ter comprado o presente de natal, atitude socialmente típica do consumismo atual.

Portanto, o uso das aspas em “agora”, objetivando relacionar a contradição entre *eterno/agora*, visando criticar humoristicamente o consumismo exagerado em períodos



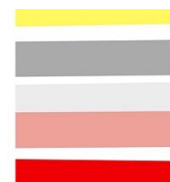
comemorativos, no caso, o natal, procurando marcar a relação discursiva do sujeito com o Outro (alteridade do inconsciente), sendo que a expressão *em outras palavras* declara a opinião que o interlocutor faz do que é dito pelo enunciador, demonstrando que os sujeitos discursivos não enunciam do mesmo lugar discursivo.

c) Fase da AD 3 Podemos observar que o sujeito discursivo nessa fase é marcado por vários discursos numa formação discursiva no interior do interdiscurso, sendo que a expressão *em outras palavras* declara a opinião que o interlocutor faz do que é dito pelo enunciador, demonstrando que os sujeitos discursivos não enunciam do mesmo lugar discursivo, pelo fato de que dentro da formação discursiva religiosa temos uma deformação discursiva, já que o discurso capitalista ganha saliência no lugar do religioso, sendo que o natal é visto pela mulher como uma forma de se ganhar presentes e que para ela não interessa aquele momento existencialista do casal a sós.

d) Fase da AD 4 Por fim, verificamos nessa análise que o sujeito discursivo nessa fase está assujeitado, mas relativizado, sendo que na última tirinha, a mulher representa um discurso relativo apenas ao consumismo (capitalismo), uma vez que como notamos na expressão “*you didn't buy me a present*”, nessa glosa vemos que o interesse dela ideologicamente é marcado pelo interesse e não pelo sentimento de espírito natalino, mas sim pelo mover de um rito social específico que é o de receber presentes em períodos comemorativos como o Natal. Ela deixa esse posicionamento muito claro no uso expressão explicativa “*em outras palavras*”, por isso temos uma relatividade no uso do discurso relativizado por questões ligadas aos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE).

Considerações Finais

Diante do exposto, ao fazermos a aplicação dos enquadres epistemológicos da AD francesa em um gênero multimodal, selecionado nas práticas de letramentos acadêmicos em uma disciplina da Universidade, voltada a desenvolver à compreensão dos discursos multimodais, marcados intertextual e interdiscursivamente demandando dos leitores/as um entrosamento desde o instante que os discursos são formatados socialmente ou individualmente até a sua materialização em práticas discursivas de leitura e escrita, nos quais se estabelecem a relação discursiva entre os interlocutores, porque é possível perceber as estratégias discursivas



utilizadas pelos vários sujeitos, dependendo das classe seja dominante ou dominada pela primeira num dado contexto de produção, circulação e consumo de textos e discursos.

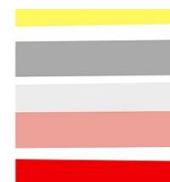
Nessa travessia de análise teórico-metodológica, de leitura da tirinha selecionada pelo professor para uma atividade de análise de discurso em sala de aula, pudemos perceber a importância das fases da AD (1ª, 2ª, 3ª e 4ª) encontradas na literatura da AD, nos ajudando a compreender as muitas variáveis, além de proporcionar o desenvolvimento de práticas letradas e retóricas dos sujeitos/estudantes do curso de letras uma série práticas de letramentos críticos, visuais e multimodais nesse contexto de formação desses interactantes sob a égide teórica e prática da “construção de artefatos textuais/discursivos para/na educação básica com fins pedagógicos de saberes interdisciplinares tecnológicos e multimodais” (PAIVA, 2016, p. 4).

Os quadres teórico-metodológicos, aplicados na leitura crítica e na análise de discurso na tirinha “As cobras” nos fez compreender que os discursos enunciados e materializados nesse evento discursivo perpassam pela multissemiose dos elementos verbo-visuais, resultando na enunciação discursiva da ideologia que se encontra travestida do discurso do capital em função do consumo pelos interlocutores, sendo persuadidos a comprarem e a satisfazerem seus desejos, influenciados pela mídia, pelo discurso ideológico dominante das classes abastadas.

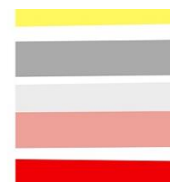
Por fim, observamos, portanto, que durante a análise empreendida na narrativa do gênero textual mesmo sendo produzida com um único tema, a cenografia romântica no Natal revelou consequentemente a visão do discurso do capital em consumir e de outro lado os elementos linguísticos e imagéticos do textos evidenciaram a ironia, a insensatez e a materialidade da crítica em relação ao consumo exagerado em si, conotando a opinião acerca desse evento discursivo na (re)produção de sentidos, enunciados e construídos nessas formações discursivas pelos *Aparelhos Ideológicos de Estado*, moldando as relações sociais pelos valores e pela disputa de poder a partir do consumo de bens materiais no Natal, influenciando até o pensamento e o agir dos sujeitos sociais.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- _____. Ideologia e aparelhos Ideológicos de Estado. In: ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. (Trad. Ribeiro, V.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.



- BRANDÃO, M. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- FERREIRA, M. C. L. *O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil*. Letras/UFSM. 2003, p. 39-46. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318>. Acesso em: 03 de fev. 2018.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- GARCIA, T. M. *A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica*. Working papers em lingüística, UFSC N.7, 2003, p. 121-140. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/6171/5726>. Acesso em 03 de fev. 2018.
- GREGOLIN, M. R. V. *Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos*. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. (Org.). *Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 21-34.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. *A questão metodológica na análise da interação verbal: os aspectos qualitativo e quantitativo*. IV Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal: Metodologias Qualitativas, Universidade de Brasília, 22-24 de abril, 1999.
- _____. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAZOLLA, R. B. *Análise do discurso: um campo de reformulações*. In: MILANEZ, N.; SANTOS, J. de J. *Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 7.
- MENDONÇA, S. F. *O trabalho com história em quadrinhos*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- MILANEZ, N.; SANTOS, J. de J. *Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares*. São Carlos: Claraluz, 2009.
- MUTZ, A. S. da C. *O discurso do consumo consciente e a produção dos sujeitos contemporâneos do consumo*. Educ. rev. [online]. 2014, vol.30, n.2, pp.117-136. Epub Apr 08, 2014. ISSN 0102-4698. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982014005000001>.
- PAIVA, F. J. de O. *O uso de mídias digitais por professores de língua portuguesa no contexto escolar brasileiro na pós-modernidade*. In: XXII Congresso Internacional de Informática



Educativa, 2016, Chile. Anais do XXII Congresso Internacional de Informática Educativa, Universidad de Chile, 2016.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 163-252.

_____. (1969). “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In: GADET & HAK (org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61.

_____. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução E. P. Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

OLIVEIRA, F. J. T. de. *Comunicação, linguagem e consumo: uma análise de discurso nos limites da publicização*. RuMoRes - Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídia. n. 18, v. 9 julho-dezembro, 2015, p. 249-269. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/86897/107028>. Acesso em: 03 de fev. 2018.

OLIVEIRA, F. F. de.; MELO, L. G. de. Aplicação do gênero textual “tira” no livro didático de língua portuguesa. *Humanidades*, v. 3, n. 1, fev. 2014, p. 138-149.

OLIVEIRA, A. C. A. de. *Memorial Acadêmico: contexto comunicativo-situacional de produção e organização retórica do gênero*. 2005. 184f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – UFC, 2005.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. *A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. Anais do I SEAD (Seminário de Estudos em Análise do Discurso). Porto Alegre, UFRGS, nov 2003. CD-R 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>.

Acesso em: 03 de fev. 2018.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

Recebido em: 03 de março de 2018.

Aprovado em: 15 de abril de 2018.